

Uso de plantas medicinais no tratamento de animais por agricultores familiares do brejo paraibano

Sabrina Ferreira de Barcelos¹, Vitória Saskia Ferreira Barroso², Camila Firmino de Azevedo*³

Universidade Estadual da Paraíba, ¹sabrinabarcelos10@gmail.com, ²vitoriasaskia17@gmail.com; ³camfiraze@bol.com.br.

RESUMO: Realizamos um estudo de abordagem etnobotânica sobre o uso de plantas medicinais no tratamento de animais por agricultores familiares do brejo paraibano. Foi aplicado um questionário para identificar os animais presentes nas propriedades e seus principais problemas de saúde, além dos tratamentos fitoterápicos realizados pelos agricultores. Foram entrevistados 66 agricultores e a maioria afirmou que cultivava plantas medicinais, sendo a babosa, capim-santo e erva-cidreira as mais citadas. Sobre o uso de plantas no tratamento animal, 72,5 % afirmou ter conhecimento e 53% já fizeram uso desse recurso. O mastruz ou alho para gripe em galinhas e babosa para ferimentos foram os tratamentos mais citados, com conhecimento passado principalmente através dos avós (28,7%) e dos pais (25,7%). A grande maioria dos agricultores familiares do brejo paraibano tem conhecimento sobre o uso de plantas medicinais no tratamento animal e cultivam muitas espécies medicinais, no entanto muitos deles nunca fizeram uso desse recurso em animais da propriedade. Ressalta-se a relevância da transmissão do conhecimento entre as gerações na agricultura familiar, principalmente em relação ao uso de plantas medicinais, pois representa uma forma econômica e eficiente de tratamento e de grande importância social, cultural e econômica.

PALAVRAS-CHAVE: Fitoterapia; Etnobotânica; Saúde animal; Agroecologia; Bem-estar.

INTRODUÇÃO

A utilização de plantas com fins medicinais para prevenção, tratamento e cura de doenças é uma das mais antigas formas de conhecimento da humanidade. Na atualidade, essas plantas ainda permanecem sendo empregadas por grande parte da população como meio alternativo para alívio de sintomas de diferentes tipos de problemas de saúde em humanos e em animais (VEIGA JUNIOR et al., 2005). As plantas medicinais possuem um excelente papel na saúde dos seres humanos, mesmo com os avanços constatados na medicina moderna nos últimos anos, elas ainda continuam sendo usadas pela população, e cerca de 30% de todas as drogas avaliadas como agentes terapêuticos é proveniente de produtos naturais (VEIGA JUNIOR; MELLO, 2008). Segundo Gama e Silva (2006), o alto custo de medicamentos industrializados e os seus efeitos colaterais, estimulam o ressurgimento da utilização de plantas medicinais.

O uso dessas plantas e a fitoterapia englobam as práticas da medicina popular e fazem parte de um conjunto articulado de conhecimentos praticados principalmente pela tradição familiar. No entanto, esta prática diminuiu com a industrialização dos medicamentos nas décadas de 40 e 50 (SILVA et al., 2008). Os fitoterápicos são medicamentos preparados exclusivamente com plantas ou partes das plantas medicinais (raízes, cascas, folhas, flores, frutos ou sementes), que possuem propriedades reconhecidas de cura, prevenção ou tratamento sintomático de doenças, validadas em estudos etnofarmacológicos (REZENDE; COCCO, 2002).

Nos últimos anos o uso de plantas medicinais no tratamento animal vem aumentando sucessivamente, uma vez que a população busca produtos produzidos de forma natural e que forneçam o mínimo de efeitos colaterais indesejáveis aos animais, propiciando um tratamento com baixo custo e eficaz (OLIVEIRA et al., 2009). Por este motivo, a procura por mercadorias que forneça bem estar ao animal aumentou consideravelmente, assim como as evidências desse debate (PAIXÃO, 2001), uma vez que os animais também possuem a capacidade de ter sentimentos como: medo, dor, felicidade e prazer (REGAN, 2006).

O cultivo de plantas medicinais por agricultores é uma alternativa para o controle de algumas doenças em seus animais, os produtores rurais são os principais responsáveis pela geração de renda no campo, sendo assim, contribuem com grande parte da produção nacional, produzem culturas para o uso da família e com fins comerciais (LOURENZANI et al., 2001).

Diante do exposto, a pesquisa teve como objetivo realizar um estudo de abordagem etnobotânica sobre o uso de plantas medicinais no tratamento de animais por agricultores familiares do brejo paraibano.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa de abordagem etnobotânica foi realizada através de entrevistas com agricultoras e agricultores familiares do brejo paraibano e teve o intuito de se identificar os animais presentes nas propriedades e seus principais problemas de saúde, além dos tratamentos fitoterápicos realizados. Para tal foi aplicado um questionário semiestruturado, que continha perguntas principalmente sobre as características dos animais, doenças, alimentação, tratamentos e problemas enfrentados na manutenção dos animais. Também foi investigado as plantas medicinais

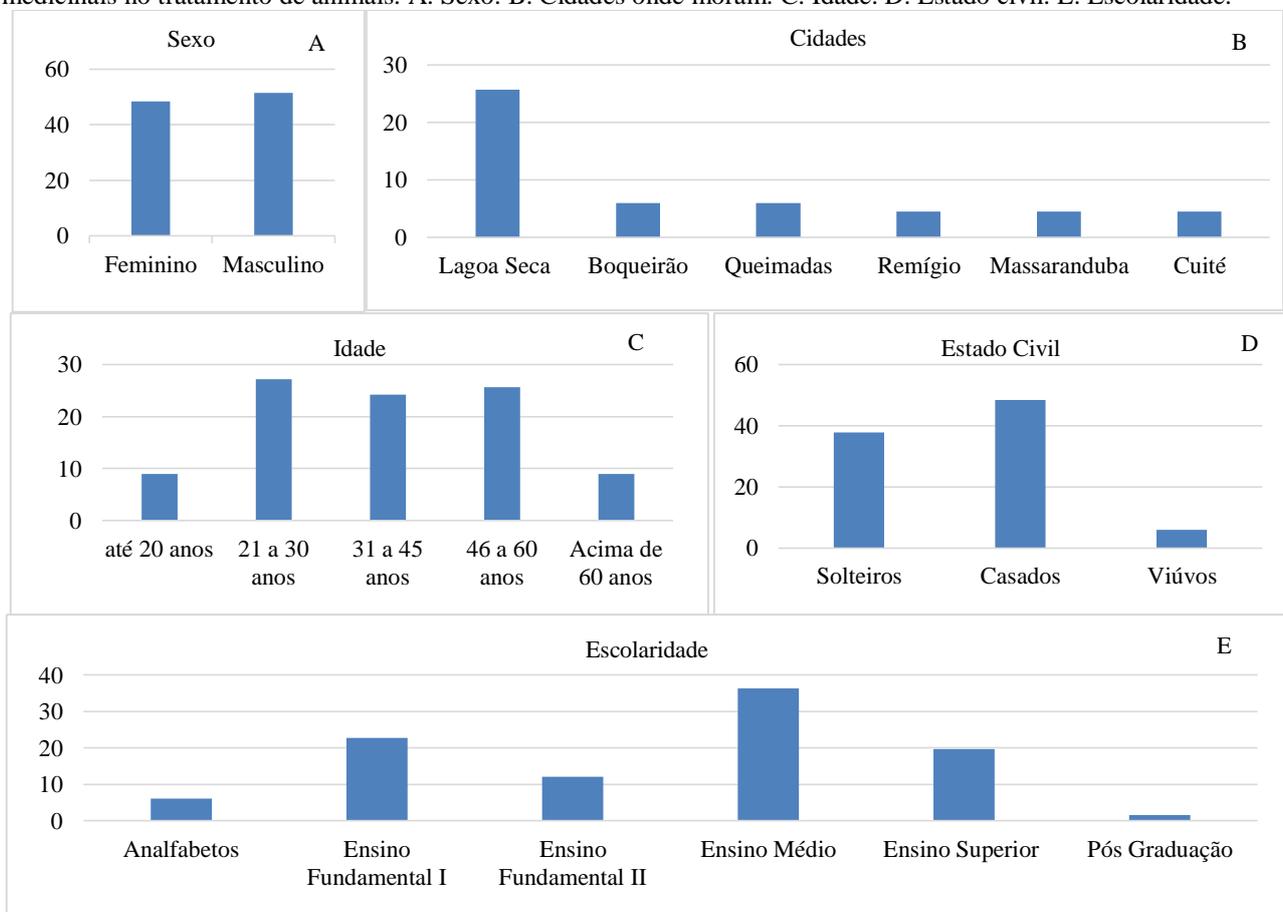
cultivadas nas propriedades e utilizadas no tratamento dos animais, que teve o intuito de se conhecer os saberes desses agricultores no que diz respeito ao uso tradicional dessas plantas na prevenção e no tratamento de diversos problemas de saúde de animais de produção, tração e companhia.

Os dados coletados durante a aplicação dos questionários foram analisados a partir de análise estatística descritiva mediante determinação das frequências percentuais observadas nas categorias das variáveis. Para a formação do banco de dados foram tomados os dados obtidos através do preenchimento dos questionários, e posteriormente tabulados através do software editor de planilhas Excel, sendo elaboradas tabelas de quantificação das respostas, que estão apresentadas em porcentagem, sendo os dados analisados descritivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a identificação das plantas medicinais cultivadas por agricultores familiares do brejo paraibano, bem como o uso dessas plantas no tratamento de animais de companhia, produção e tração, foram entrevistados 66 agricultores, sendo 48,5% do sexo feminino e 51,5% do sexo masculino (Figura 1A). Diferente do observado nessa pesquisa, Ceolin et al. (2011) entrevistaram agricultores de base ecológica e observaram que as mulheres predominavam e são as mais conhecedoras das plantas medicinais. Os agricultores entrevistados moravam em 23 cidades da Paraíba (Figura 1B), sendo a mais representativa Lagoa Seca, com 25,7% dos entrevistados; Boqueirão e Queimadas, com 6,0% cada; e Remígio, Massaranduba e Cuité, com 4,5% cada. Os demais municípios citados foram: Catolé do Rocha, Areia, Arara, Alagoa Nova, Campina Grande, Gado Bravo, São Vicente Do Seridó, com 3,0% cada, e Matinhas, Esperança, Montadas, Alcantil, Puxinanã, Pocinhos, Juazeirinho, São Domingos do Cariri, Lagoa De Roça e Junco do Seridó, com 1,5% cada.

Figura 1. Caracterização dos agricultores familiares do brejo paraibano participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais no tratamento de animais. A. Sexo. B. Cidades onde moram. C. Idade. D. Estado civil. E. Escolaridade.



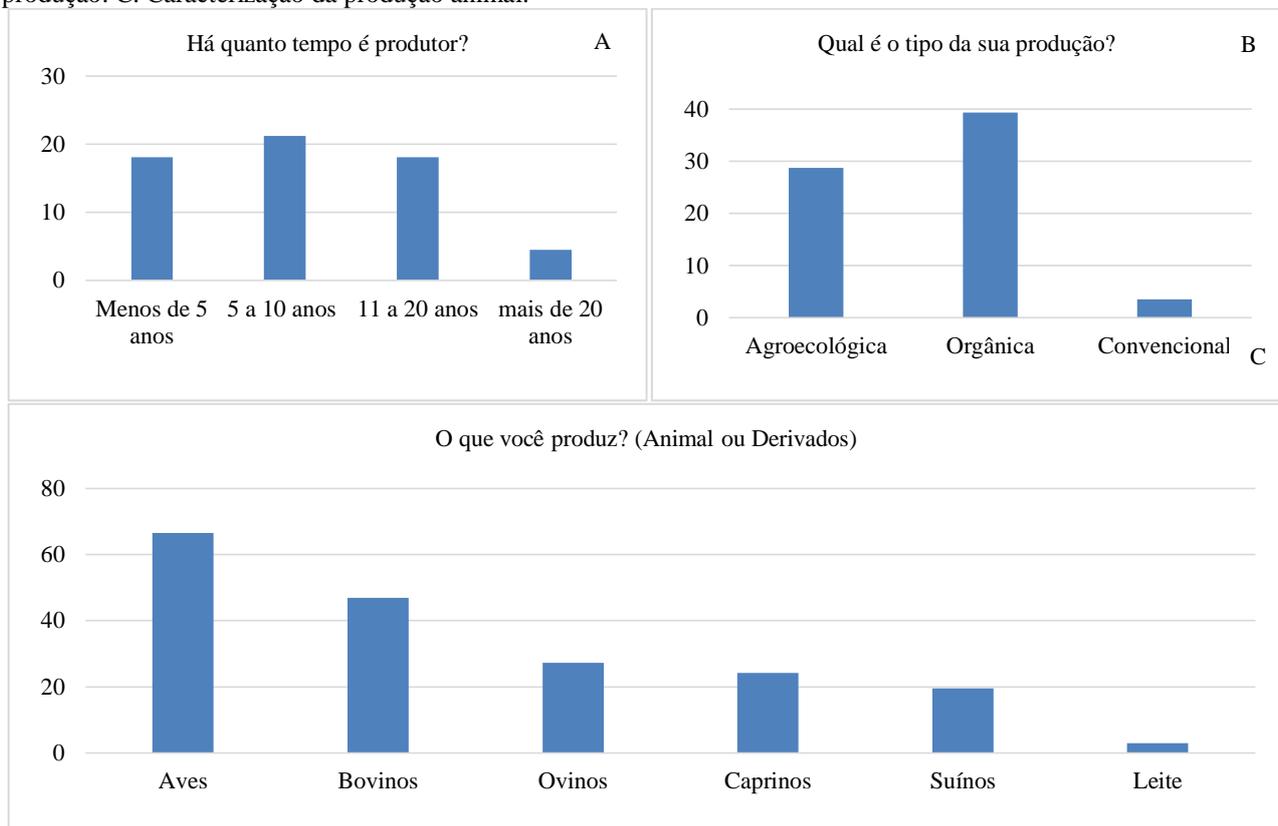
Dos agricultores entrevistados, 9,0% tinham até 20 anos, 27,2% de 21 a 30 anos, de 31 a 45 anos eram 24,2%, 46 a 60 anos eram 25,7% e acima de 60 anos eram 9,0% (Figura 1C). Em relação ao estado civil (Figura 1D), 37,8% eram solteiros, 48,4% eram casados, 6,0% viúvos, 6,0% outros estados civis e 3,0% não responderam. Os dados relativos à escolaridade (Figura 1E) mostram que 6,0% eram analfabetos, 22,7% tinham o ensino fundamental I; 12,1% tinham o ensino fundamental II; 36,3% cursaram até o ensino médio; 19,6% estavam estudando o ensino superior, 1,5% cursaram pós-graduação e 1,5% não responderam. Destes, dos que estavam cursando o ensino superior 13,6% cursavam o

Bacharelado em Agroecologia, 4,5% o Técnico em agropecuária, 1,5% geografia, engenharia agrícola e pedagogia; e 28,7% não responderam.

Dos entrevistados, 18,1% eram produtores há menos de 5 anos, 21,2% de 5 a 10 anos, 18,1% de 11 a 20 anos, 40,9% há mais de 20 anos e 1,5% não responderam (Figura 2A). Em relação ao tipo de produção, 28,7% tinham produção agroecológica no momento da pesquisa, 39,3% produção orgânica, 28,7% produção convencional e 6,0% não respondeu (Figura 2B). Os dados relativos ao tipo de produção animal e derivados (Figura 1C) mostraram que 66,6% dos agricultores produziam aves, 46,9% bovinos, 27,2% ovinos, 24,2% caprinos, 19,6% suínos, 18,1% leite, 3% peixes e coelhos. Outros 3% produzem produtos como ovos, derivados do leite, geleias, doces e 16,6% não responderam.

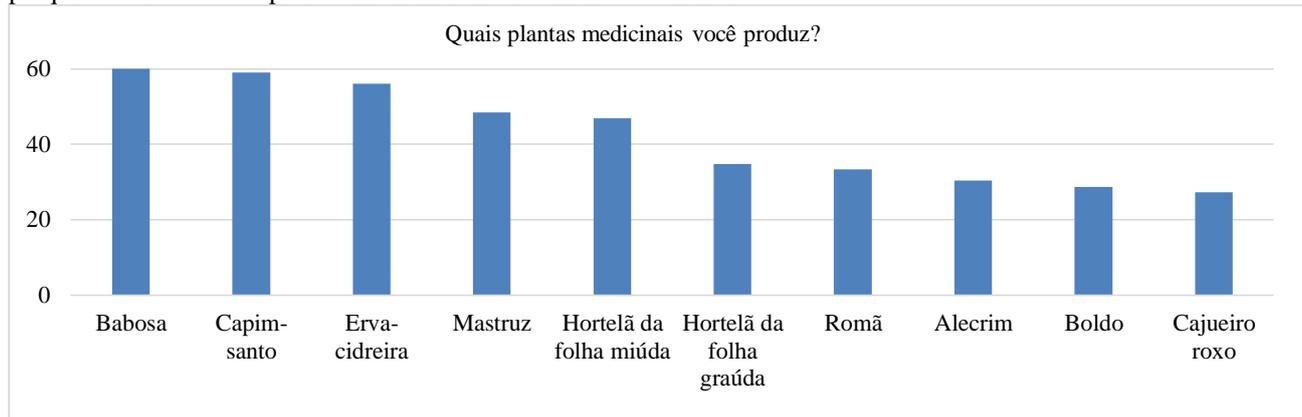
Estudos já demonstraram a importância da produção orgânica e agroecológica no brejo paraibano, segundo Souto et al. (2011) Diversos agricultores familiares do Brejo Paraibano têm praticado alternativas de manejo agrícola, métodos sustentáveis em contrapartida ao modelo atual de agricultura capitalista, mesmo que seja recente a adoção um modelo de agricultura, os pequenos produtores destas regiões declaram que sua produção segue os princípios agroecológicos. De acordo com Souto et al. (2011) diversos agricultores familiares do Brejo Paraibano têm praticado alternativas de manejo agrícola, métodos sustentáveis em contrapartida ao modelo atual de agricultura capitalista, mesmo que seja recente a adoção um modelo de agricultura, os pequenos produtores destas regiões declaram que sua produção segue os princípios agroecológicos.

Figura 2. Caracterização da produção realizada pelos agricultores familiares do brejo paraibano participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais no tratamento de animais. A. Há quanto tempo é produtor? B. Tipo de produção. C. Caracterização da produção animal.



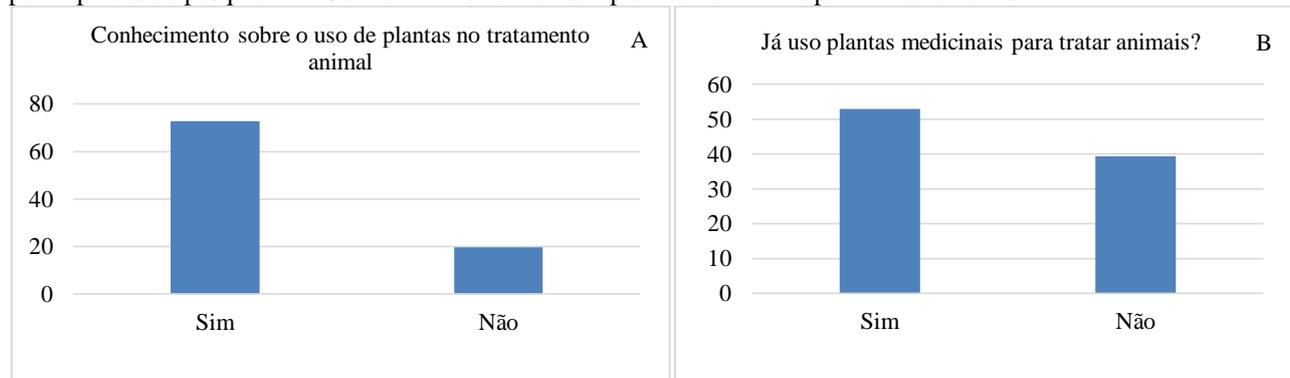
Também foi questionado aos agricultores quais as espécies de plantas medicinais eles produziam (Figura 3) e as respostas foram as seguintes: 60% produzia babosa, 59% capim-santo, 56% erva-cidreira, 48,4% mastruz, 46,9% hortelã-da-folha-miúda, 34,8% hortelã-da-folha-graúda, 33,3% romã, 30,3% alecrim, 28,7% boldo, 27,2% cajueiro-roxo, 24,2% arruda, 19,6% sabugueiro, 18,1% aroeira, 18,1% louro, 16,6% arnica, 15,1% saião, 15,1% malva-rosa, 13,6% endro, 13,6% eucalipto, 13,6% erva-doce, 10,6% camomila, 10,6% jenipapo, 9% mulungu, 9% alho, 3% manjeriço, 3% alfazema, 3% penicilina, 1,5% fumo, 1,5% melão-de-são-caetano, 1,5% anador, 1,5% pimenta e 1,5% citronela. Lourenzani et al. (2004) ressalta a importância das plantas medicinais como uma alternativa econômica para os produtores familiares, uma vez que os princípios ativos existentes nas plantas podem ser usados na preparação de medicamentos usados no tratamento de doenças em humanos e animais. Além disso, é importante considerar que os produtores cultivam essas plantas para fins comerciais e também para combate de pragas e doenças da produção vegetal agroecológica e orgânica.

Figura 3. Plantas medicinais cultivadas mais citadas pelos agricultores familiares do brejo paraibano participantes da pesquisa sobre o uso de plantas medicinais no tratamento de animais.



Em relação à utilização das plantas medicinais no tratamento de animais pelos agricultores familiares do brejo paraibano, 72,7% dos entrevistados afirmou que tem conhecimento sobre esse tipo de uso, 19,6% não tem esse conhecimento e 7,5% não responderam (Figura 4A). No entanto, 39,3% disseram que nunca usaram plantas medicinais para tratar animais (companhia ou produção), 10,6% não responderam e 53% afirmaram já terem feito esse tipo de uso (Figura 4B). Em uma pesquisa realizada em comunidades rurais, assentamentos e áreas periurbanas de Laranjal do Jari, Amapá, foram citadas 13 plantas medicinais que eram utilizadas no tratamento de animais de produção e domésticos, com o cumaru (área rural) e o piracuru (áreas periurbanas) representando as plantas mais mencionadas pela população pesquisada (BRITO et al., 2019).

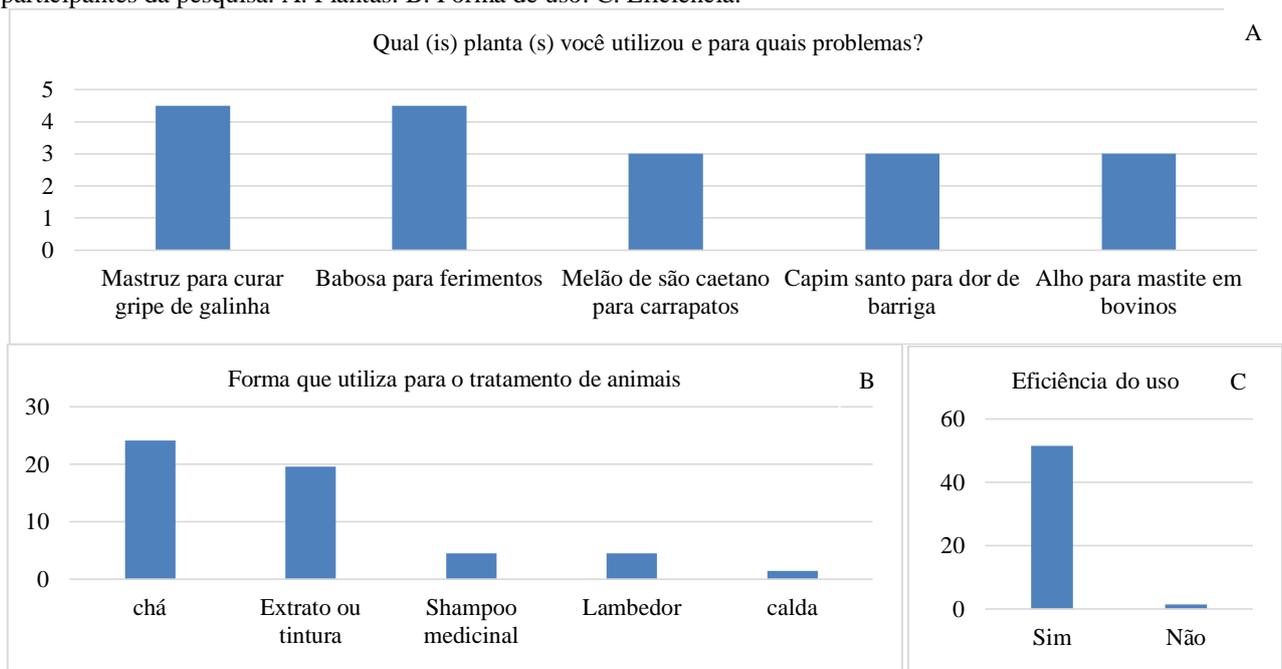
Figura 4. Uso das plantas medicinais em tratamento de animais pelos agricultores familiares do brejo paraibano participantes da pesquisa. A. Conhecimento. B. Já usou plantas medicinais para tratar animais?



Dos entrevistados que responderam que já tinham usado plantas medicinais no tratamento animal, as plantas mais citadas foram: mastruz, alho e babosa com 4,5% cada, melão-de-caetano, capim santo e boldo com 3% cada. Quando questionados sobre o uso das plantas para os problemas de saúde em animais, os agricultores responderam que utilizavam o mastruz e o alho para de gripe em galinhas, e alho para mastite em bovinos, a babosa para tratamento de ferimentos, o melão-de-são-caetano para carrapatos, capim santo para dor de barriga (Figura 5A). O alho pode ser usado juntamente com xerém, para febre em aves e fortalecimento (MORAIS; RIBEIRO, 2014). Já a babosa foi indicada por Guedes et al. (2016) para problemas gastrointestinais em animais. E o melão-de-são-caetano ou mastruz é usado para verminose (MORAIS; RIBEIRO, 2014).

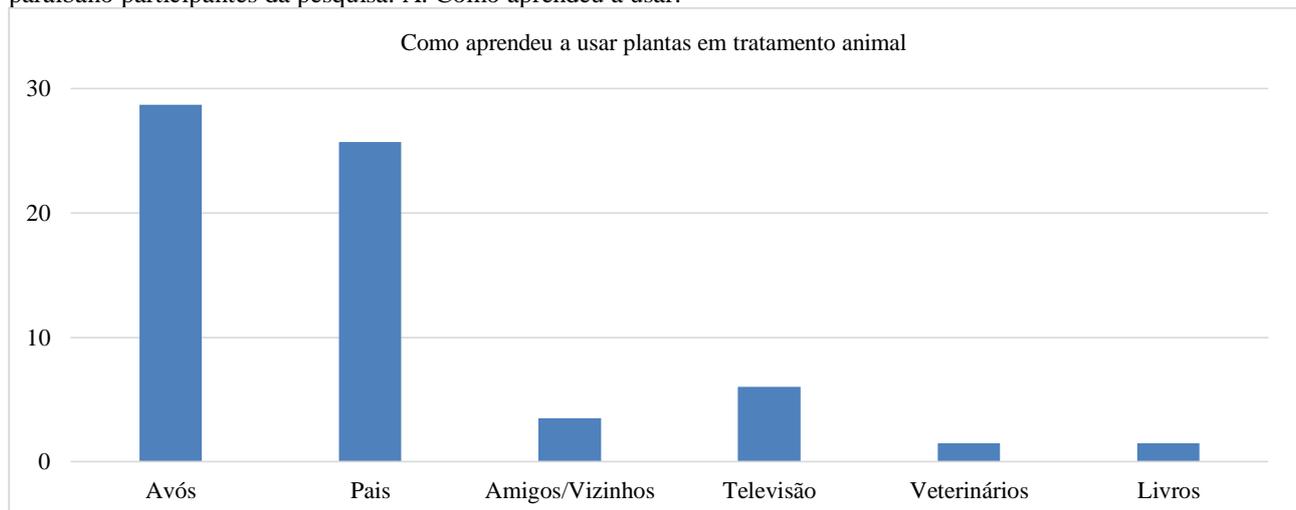
Quando questionado a forma de uso das plantas medicinais no tratamento animal (Figura 5B), 24,2% responderam que o tratamento mais utilizado nos animais era em forma de chá, 19,6% utilizam em extrato ou tintura, 4,5% em lambedor, shampoo medicinal e garrafada e 1,5% utilizam em calda, sumo. A maioria dos entrevistados (51,5%) afirmou que o uso de plantas medicinais no tratamento animal deu resultado, 1,5% afirmaram que não deu resultado e 45,4% não responderam a questão (Figura 5C). De acordo com a Monteiro et al. (2012), o mastruz pode ser utilizado em forma de chá ou suco. Recomenda-se para tratamento o melão-de-são-caetano triturado, cerca de um quilo de folhas e ramos no liquidificador com água em seguida coar e dar ao animal, o melão-de-são-caetano pode ser substituído por mastruz (MORAIS; RIBEIRO, 2014). O xerém com alho, pode ser usado da seguinte forma: pisa uma cabeça de alho e coloca com xerém e fornece o alimento (MORAIS; RIBEIRO, 2014).

Figura 5. Uso de plantas medicinais no tratamento de animais pelos agricultores familiares do brejo paraibano participantes da pesquisa. A. Plantas. B. Forma de uso. C. Eficiência.



Ao serem perguntados sobre como aprenderam a usar plantas medicinais no tratamento animal (Figura 6), 28,7% disseram que foi com os avós, 25,7% com os pais, 21,2% com amigos/vizinhos, 6% na televisão, 1,5% com médico veterinário e livros, outros 6% aprenderam na faculdade, 1,5% em pesquisas e 42,4% não respondeu a questão. De acordo com Ceolin et al. (2011), a transmissão dos conhecimentos sobre a forma de utilização de plantas medicinais com os membros da família é um hábito constante.

Figura 6. Caracterização do uso de plantas medicinais no tratamento de animais pelos agricultores familiares do brejo paraibano participantes da pesquisa. A. Como aprendeu a usar.



CONCLUSÕES

A grande maioria dos agricultores familiares do brejo paraibano tem conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais no tratamento animal e cultivam muitas espécies medicinais, no entanto, muitos deles nunca fizeram uso desse recurso em animais da propriedade.

Transmissão do conhecimento entre as gerações na agricultura familiar, principalmente em relação ao uso de plantas medicinais, pois representa uma forma econômica e eficiente de tratamento e de grande importância social, cultural e econômica.

REFERÊNCIAS

BRITO, J. A.; SANAVRIA, A.; ABREU, J.B.R.; VITA, G.F.; RIBEIRO, C.M.; CARRÃO, D.L. Resgate do conhecimento popular sobre plantas medicinais e sua aplicação na construção de um herbário didático por discentes de curso técnico em meio ambiente. *Experiências em Ensino de Ciências, Seropédica/RJ*, v.14, n.1 p.461-480, 2019.

CEOLIN, T.; HECK, R. M.; BARBIERI, R. L.; SCHWARTZ, E.; MUNIZ, R.M.; PILLON, C.N. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. *Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo*, v.45, n.1, p.47- 54, 2011.

GAMA, X.; SILVA, M.A.P. A utilização da fitoterapia por idosos de um centro de saúde em área central da cidade de São Paulo. *Saúde Coletiva*, v.11, n.3, p.79-84, 2006.

LOURENZANI. W. L.; LOURENZANI. A. E. B. S; Batalha. M. O. Barreiras e oportunidades na comercialização de plantas medicinais provenientes da agricultura familiar. *Informações Econômicas, SP*, v.34, n.3, p. 15-25, 2004.

MONTEIRO, M.V.B.; RODRIGUES, S.T.; VASCONCELOS, A.L.F.C. Plantas medicinais utilizadas na medicina etnoveterinária praticada na Ilha do Marajó. 1 ed. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2012. 35p.

OLIVEIRA, L.S.T; Silva, S. L. C; TAVARES, D. C; SANTOS, A.V; OLIVEIRA, G. C. B. Uso de plantas medicinais no tratamento de animais. *Enciclopédia Biosfera*. v. 5, n. 8, p. 1-8, 2009.

PAIXÃO, R. L. Experimentação animal: razões e emoções para uma ética. 2001. 189f. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2001.

PICINATTO, A.G.; CAMPOS, A.A.; BITTENCOURT, G..A.; BIANCHINI, V. Cartilha do PRONAF – Crédito. Curitiba: Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais (Deser), 2000. 34 p.

REGAN, T. Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos dos animais. Porto Alegre. *Revista de Pesquisa em Filosofia*, v. 1, n. 3, p. 191-196, 2011.

REZENDE, H.A.; COCCO, M.I.M. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. *Revista da Escola de Enfermagem – USP*, v.36, n.3, p.282-288, 2002.

SILVA.F. L.A.; OLIVEIRA. R. A. G.; ARAÚJO. E.C. Uso de plantas medicinais pelos idosos em uma estratégia saúde da família. *Revista de enfermagem- UFPE online*. v.4, n.1, p. 9-16, 2008.

SCHUCK, V.J.A., FRATINI M., RAUBER C.S., et al. Avaliação da atividade antimicrobiana de *Cymbopogon citratus*. *Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas*, v.37, n.1, p.45- 9, 2001.

VEIGA JUNIOR, V. F.; PINTO, A.C, MACIEL, M. A. M. Plantas medicinais: cura segura? *Química Nova*. v.28 n.3, São Paulo, 2005.

VEIGA JUNIOR. V.F.; MELLO J.C.P 2008. As monografias sobre plantas medicinais. *Revista Brasileira de Farmacognosia*, v.18, n.3, p. 464-471, 2008

AGRADECIMENTOS

Apoio financeiro: Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba - FAPESQ.